

**FREIRAS SILENCIADAS VERSUS “SANTOS” PADRES ABUSADORES, O PODER ESTÁ NA POSIÇÃO: ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA REPORTAGEM SOBRE CASOS DE ABUSOS SEXUAIS NA IGREJA CATÓLICA DA FRANÇA**

**Dalexon Sérgio da SILVA<sup>40</sup>**

**Resumo:** Este trabalho analisa a reportagem do *Fantástico*, exibida em 17/02/2019, sobre casos de abusos sexuais contra freiras cometidos por padres na França. À luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseado nos estudos de Pêcheux (1969, 1975, 1978, 1999, 2014) na Europa, Orlandi (1987, 2005, 2006, 2007, 2011, 2017) e estudiosos no Brasil, este artigo mobiliza os conceitos de ideologia, memória discursiva, formações imaginárias e discursivas, para analisar a posição-sujeito de padre e freira, observando que o poder está no lugar social que o sujeito ocupa, constituído pela historicidade na exterioridade constitutiva.

**Palavras-chave:** Posições-sujeito. Ideologia. Memória discursiva. Formação discursiva. Formação imaginária.

**Abstract:** *This work analyzes the report of Fantástico, presented on 02/17/2019, on cases of sexual abuses against priests in France. In light of the theoretical perspective and analytical procedures of the French Speech Discourse Analysis (AD), based on the studies of Pêcheux (1969, 1975, 1978, 1999, 2014) in Europe, Orlandi (1987, 2005, 2006, 2007, 2011, 2017) and scholars in Brazil, this article mobilizes the concepts of ideology, discursive memory, imaginary and discursive formations, to analyze the subject-position of priest and nun, noting that power is in the social place that the subject occupies, constituted by historicity in constitutive exteriority.*

**Keywords:** *Subject-positions. Ideology. Discursive memory. Discursive formation. Imaginary formation.*

---

<sup>40</sup> Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, no Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior – PDSE (CAPES), na Universidade de Lisboa – Portugal. Membro investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. E-mail: [dalexon@uol.com.br](mailto:dalexon@uol.com.br)

## Considerações iniciais

O Fantástico, programa dominical em forma de revista eletrônica, criado em 1973 e exibido aos domingos, à noite, pela *TV Globo*, apresentou no dia 17 de fevereiro de 2019 uma reportagem intitulada: *Igreja Católica enfrenta nova crise com denúncias de casos de freiras abusadas*. Na matéria, disponível no site da *TV Globo*, em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/02/17/igreja-catolica-enfrenta-nova-crise-com-denuncias-de-casos-de-freiras-abusadas.ghtml>, consta a informação de que no começo de fevereiro deste ano, ao ser questionado por jornalista, o Papa *Francisco* admitiu ser verídica esta grave acusação contra padres da *Santa Sé*. "*Há sacerdotes e bispos que fizeram isso e ainda fazem*", declarou o pontífice.

De modo semelhante a essa reportagem exibida pelo *Fantástico*, a Igreja Católica Apostólica Romana vem recebendo, de vários países do mundo, uma miríade de denúncias contra tais práticas clericais. No dia 07 de fevereiro de 2019, o site da *BBC News* também apresentou uma matéria sobre a mesma temática retomada pelo *Fantástico*, tendo por título: *Abusos, anorexia, suicídios: a ordem religiosa em que freiras eram escravas sexuais na França*.

Em 08/01/2019, o jornal *Correio Braziliense* já apresentara uma reportagem intitulada: *Justiça chilena tem 148 casos de abuso sexual na Igreja abertos*, onde se observara abusos sexuais perpetrados por religiosos no Chile também. Acerca do posicionamento do *Vaticano* sobre esses casos de abusos sexuais, em 23/02/2019, o jornal português *JN* fez duras críticas à *Santa Sé*, ao afirmar em sua matéria de capa, a seguinte sentença: *Igreja destruiu dossiês sobre abusos sexuais*.

Diante de tantas denúncias em reportagens que comovem o mundo e atraem, cada vez mais, de modo crescente, os olhares universais para o *Vaticano*, criticando-o, é preciso pontuar que, na análise da reportagem do *Fantástico*, este artigo não pretende falar de crenças ou descrenças, nem de valores morais e/ou espirituais, mas de objeto de conhecimento, que é o modo como as posições-sujeito de padre e de freira funcionam discursivamente nesta reportagem, transpassadas pela ideologia católica.

Para analisar os lugares sociais religiosos de padre e de freira nessa matéria do *Fantástico*, as seguintes questões de pesquisa se fizeram presentes: (i) Como funciona o discurso religioso produzido a partir da posição-sujeito de padre e de freira nessa matéria exibida pelo *Fantástico*? (ii) De que modo, transpassadas pelo viés ideológico católico, as

formações discursivas e imaginárias do sujeito padre e freira se mostram nessa reportagem? (iii) Que efeitos de sentido são produzidos, a partir do que há em comum e/ou diferente entre o lugar social de freira e de padre? (iv) Como a memória discursiva é acionada nessa reportagem da *TV Globo*?

Para responder a tais questionamentos, este trabalho investigativo destina-se a analisar um *corpus* constituído pela citada reportagem do *Fantástico*. Nesse intento, este artigo está distribuído, de forma a apresentar o trabalho ao leitor, nas considerações iniciais, justificando-o e marcando problematizações e objetivos. O item 2 pretende situar, brevemente, algumas considerações teóricas acerca da teoria e procedimento analítico, suporte do trabalho, a Análise do Discurso de linha francesa, tal como delineada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e estudiosos. Em seguida, pretende-se evidenciar o percurso metodológico do trabalho no item 3, para, finalmente, no item 4, trazer à discussão o *corpus* discursivo da matéria jornalística em estudo, focando no aspecto das posições-sujeito, como lugares sociais tocados pela historicidade na exterioridade, que é constitutiva. Por último, haverá o fechamento do trabalho, com as considerações finais.

### **Sujeito, posições-sujeito, ideologia, memória, formação discursiva e imaginária na Análise do Discurso de linha francesa**

O sujeito da Análise do Discurso de linha francesa (AD) é uma posição, um lugar social. Ele não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. De acordo com Silva (2018, p. 141): “o sujeito fala a partir de uma posição, de um lugar social”. Tal afirmação de Silva (2018) se dá baseada nas afirmações originárias dos estudos de Pêcheux (1969, 1975), pois no livro *Análise Automática do Discurso*, Pêcheux inicia a sua discussão do esquema comportamental, falando em lugar e também no esquema informacional (emissor/receptor); depois, Pêcheux critica Jakobson, com sua noção de destinatário, para chegar a sua proposta de condições de produção, na qual aparece a questão do lugar social dos sujeitos, em que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social.

Pêcheux (1975, p. 82) prossegue: "nossa hipótese é que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos". Assim, ele continua afirmando que seria ingênuo pensar que esses lugares sociais funcionariam assim como traços objetivos no discurso, pois "o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que

designam o lugar que A e B atribuem a si e ao outro, à imagem que eles fazem do próprio lugar e a do outro". Daí, é que ele fala que se relacionam às situações (objetivamente definíveis) com as posições (imaginárias) dos sujeitos.

Nessa guisa, o sujeito está sempre interpretando e ao interpretar produz sentidos, identificado à formação discursiva a partir da posição-sujeito que enuncia. Assim, a AD considera o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela relação estabelecida da língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o dizer, que é social e histórico.

Nessa compreensão, o linguístico e o histórico não são campos díspares, mas se complementam. Eles são campos constitutivos no processo de significação dos sentidos, por tal motivo, é que existem os deslocamentos de sentidos e, de acordo com Grigoletto (2013), existe uma concepção de sujeito cindido em sua estrutura. Essa compreensão permitiu à Análise do Discurso de linha francesa não trabalhar com o que o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo), mas sim, com o como o texto funciona (posição assumida pela AD).

Pêcheux (2014), em "Semântica e Discurso", afirma que o lugar do sujeito não é vazio, sendo preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada formação discursiva (FD). É, então, pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se (des) identifica e que o constitui enquanto sujeito discursivo e ideológico. Desse modo, o sujeito da AD é clivado, porque é dividido entre o "eu" e "o outro", que, na historicidade, constitui, por sua vez, um sujeito descentrado, dividido, incompleto e cindido em sua estrutura.

De acordo com Gregolin (2003, 2006), o sujeito da Análise do Discurso de linha francesa é cindido em sua estrutura, pois sentidos e sujeitos se constituem mutuamente pela exterioridade constitutiva, inscrita na historicidade. Nesse viés, retomando Pêcheux (1975, p. 163): "quando o sujeito diz "eu", o faz a partir de uma inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a "realidade", [...] algo produzido após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro [...]." É dessa forma que pela inscrição no simbólico o sujeito se mostra em sua inserção na história, em outras palavras, é afetado ideologicamente.

Assim se compreende aqui, um sujeito afetado pelo inconsciente e interpelado por uma ideologia que o interpela a ocupar uma posição social inscrita numa formação discursiva e ideológica, que promovem no sujeito uma injunção à interpretação. Nesse direcionamento, o

sujeito da AD é compreendido como disperso, como aquele que passa a ocupar diversos papéis, conforme as variadas posições-sujeito que ocupa no espaço interdiscursivo.

Diante dessa concepção exposta, Indursky acrescenta:

para a AD, a categoria de sujeito não é idealista por ser interpelado ideologicamente, [...], o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Tais posições, contudo, não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois se trata de um sujeito socialmente constituído. No entanto, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso e suas posições (INDURSKY, 1997, p. 27-28).

Baseado em Indursky (1997), pode-se perceber que para a AD, o sujeito, de fato, não é origem do sentido nem elemento de onde se origina o discurso, pois, ressalta-se a compreensão de que ele não é único, pois há diversas posições-sujeito que estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas. Aqui, é preciso pontuar, baseado na AD, que este artigo entende ideologia, não como conjunto de ideias ou como ocultação. A ideologia são as relações imaginárias do sujeito com as suas condições reais de existência.

Outro elemento pertinente a este trabalho é o papel da memória. Assim, neste artigo, assume-se o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao apontar que:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Isso posto, para Pêcheux (1999, 1975) todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Nesse item, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, quando não se consegue recuperar a memória que sustenta aquele sentido, temos o *nonsense*. Ainda que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele flui naturalmente.

Nessa guisa, a memória é o saber discursivo, o já-dito, os sentidos a que já não se tem mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão nos sujeitos, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2006) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso e é esta concepção que neste artigo se adota.

Pêcheux (1999, 1969, 1975) também compreende a memória discursiva, nesse ponto, enfatizada como interdiscurso. De outro modo, é um saber que possibilita que nossas palavras

façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo “já dito”, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos.

O conceito de *formação discursiva (FD)* foi criado por Foucault e deslocado com outros vieses por Pêcheux. Em suas concepções teóricas acerca da formação discursiva, Pêcheux busca centralizar suas pesquisas, focando o elemento ideológico, já que na compreensão dele, a ideologia é materializada no discurso. Assim, para Pêcheux, a FD está intimamente relacionada à noção de formação ideológica, decorrente da leitura que ele fez da obra intitulada *Aparelhos Ideológicos do Estado*, de Althusser, o que, por conseguinte, explica o seu estreito laço com o marxismo. Assim, Pêcheux expõe seu conceito:

[...] chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito", articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Desta forma, ao chegar a essa concepção de formação discursiva, o autor compreende que a diferença entre duas formações discursivas está contemplada no elemento ideológico, nas lacunas que favorecem a movimentação e impedem a cristalização dos sentidos.

Orlandi (2005) e Brandão (2004) tecem importantes considerações em relação à forma como o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si, pois esse funcionamento remete a mecanismos de funcionamento da linguagem. Isto é, as relações de sentido, as relações de força e de antecipação condicionados pelas formações imaginárias:

[...] no discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 2004, p.44).

Do exposto, como compreendem Brandão (2004), e Orlandi (2005), no mecanismo da antecipação, o sujeito coloca-se no lugar do destinatário e, dessa maneira, o sujeito representa, em suas formações imaginárias, *o outro*, prevendo o efeito de suas palavras. O locutor regula seu discurso conforme os efeitos que espera reproduzir no interlocutor. Deste modo, na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante.

Nessa perspectiva, a posição social ocupada pelo sujeito falante é inerente ao seu dizer. Nesse item, Pêcheux (1969) tece seus estudos observando que certos dizeres dominam outros

dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia - variação de dominância das palavras.

Com relação ao imaginário, vale reproduzir o que escreve Orlandi:

[...] segundo o mecanismo da antecipação, todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor 'ouve' suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (ORLANDI, 2005, p.39).

Nessa perspectiva, o sujeito diz aquilo que espera que faça sentido para seu interlocutor e nesse jogo está a interpretação, ou a imagem do sujeito com relação ao seu interlocutor e ao objeto do discurso. Nesse direcionamento, o sujeito, quando enuncia, mobiliza um funcionamento discursivo, que remete às formações imaginárias.

Assim, aquilo que o sujeito espera que faça sentido para o interlocutor é também uma interpretação de um discurso anterior que faz parte da formação imaginária do sujeito falante. O mecanismo imaginário acessa esse sentido já dado em discursos anteriores e produzido em condições em que fazia sentido. O mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica.

A partir dos mecanismos de funcionamento da linguagem, pode-se concluir que não são os lugares empíricos, ocupados pelos sujeitos, que determinam os dizeres, mas a representação que o sujeito faz de si, do outro, do outro em relação a si e também do referente. Logo, é a representação que o sujeito faz desse interlocutor que direciona a produção de seu discurso. Vale ressaltar que a relação de sentido postula que não há discurso original - todo discurso faz parte de um processo: é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos.

### **Aspectos metodológicos**

O universo da pesquisa foi constituído por uma reportagem televisiva do *Fantástico*, da emissora brasileira *TV Globo*, sobre o escândalo promovido pelos relatos de casos de abusos sexuais cometidos por padres contra freiras na comunidade católica de *Saint Jean*, na França.

A reportagem foi ao ar no dia 17 de fevereiro de 2019 e está disponível no site da emissora, em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/02/17/igreja-catolica-enfrenta->

[nova-crise-com-denuncias-de-casos-de-freiras-abusadas.ghtml](https://g1.globo.com/nova-crise-com-denuncias-de-casos-de-freiras-abusadas.ghtml) e foi acessada, em vídeo, em 27 de fevereiro de 2019. A matéria jornalística será analisada à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa.

### Trabalho analítico num *corpus* discursivo

#### Vídeo 1



Fantástico 17/02/2019 - Igreja Católica recebe  
denúncia de freiras abusadas

Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/02/17/igreja-catolica-enfrenta-nova-crise-com-denuncias-de-casos-de-freiras-abusadas.ghtml>

Acessado em: 27 de fevereiro de 2019.

De acordo com o *vídeo 1*, a Igreja Católica, abalada pelos sucessivos escândalos de pedofilia dos últimos anos, enfrenta uma nova - e talvez mais profunda - crise: os casos das freiras abusadas dentro de congregações. A reportagem afirma que este mês, dentro dos muros sagrados, começa uma discussão fundamental para o futuro da igreja. E também para o presente. Como acabar com a pedofilia do clero?

A matéria jornalística diz que o silêncio de décadas, ou séculos, foi rompido no ano 2000, quando o papa *João Paulo II* decretou “*tolerância zero*”. Os abusos continuaram a ser denunciados, principalmente sobre proteção e o silêncio de bispos. O *vídeo 1* afirma que o papa *Bento XVI* passou a selecionar com mais rigor a entrada dos jovens padres à igreja e afastou muitos religiosos. Já o papa *Francisco* foi o primeiro pontífice a ver a questão como abuso de poder. A reportagem ainda diz que a associação europeia, que oferece apoio às vítimas em



ambientes religiosos, afirma que, só na França, há mais de trinta comunidades nas quais freiras e padres continuam sofrendo abusos dos seus superiores clericais.

A *Comunidade de Saint Jean* foi fundada em 1975, pelo padre francês *Marie-Dominique Philippe*. Ele é o autor da *teoria do amor de amizade*, que ele utilizava para assediar religiosas e justificar os abusos. Desse modo, o padre *Philippe*, falecido em 2006, foi acusado por autoridades da Igreja de "*desvios afetivos e sexuais*". A *Comunidade de Saint Jean* possui três congregações: *Os Irmãos de Saint Jean*, *As Irmãs Contemplativas*, fundada em 1982, e *As Irmãs Apostólicas*, criada em 1984.

Agora, para que se inicie a análise discursiva, é preciso observar como se mostra cada um dos sujeitos referidos na reportagem. Isto é, como são apresentados os quatro sujeitos principais citados na reportagem do *Fantástico*. São eles: padre *Marie-Dominique Philippe*, padre *Thomas Philippe*, freira *Marie-Laure Janssens* e freira *Michelle Presneu* (ambas ex-freiras agora).

Do exposto, conforme compreende Silva (2018), o sujeito enuncia a partir de uma posição, que é sócio-histórica. Pêcheux (2014), influenciado por Foucault (2010), mostra que o poder está na posição. Assim, não é qualquer um que pode enunciar, pois é preciso ter o poder na posição, é necessário ser um lugar social credenciado, autorizado a falar.

Nesse ponto, o padre *Marie-Dominique Philippe* enuncia a partir do lugar social de ser o fundador da *Comunidade das Freiras Contemplativas de Saint Jean*. Logo, ele representa um lugar institucional de poder, autorizado pelo *Vaticano* a fundar comunidades religiosas. O padre *Thomas Philippe* também tem a força do lugar social para enunciar. Além de ser autorizado pela *Santa Sé* para ocupar a posição-sujeito de padre em comunidade religiosa, ele é mostrado na reportagem como sendo o irmão mais velho do padre *Dominique*, que fundou a comunidade.

A matéria jornalística do *Fantástico* ainda diz que testemunhas dizem que os abusos do padre *Dominique* já eram conhecidos pelo *Vaticano* na década de 60, quando ele obteve a autorização da *Santa Sé* para fundar uma comunidade religiosa na Suíça e, de lá, ele se mudou para a França e fundou a nova sede da *Comunidade das Freiras Contemplativas de Saint Jean*.

É pertinente observar que, na posição-sujeito de padre, o sacerdote *Dominique* se posiciona autorizado pela *Igreja Católica Apostólica Romana*, constituído pelo discurso institucional da igreja para poder abrir comunidades católicas nos países. Desse modo, trata-se de um lugar social legitimado pelo *Vaticano*. Dito de outro modo, autorizado e legitimado por um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, que é a igreja, conforme compreende Althusser (1980), em seu livro intitulado *Aparelhos Ideológicos do Estado – AIE*.

Já a posição-sujeito de freira é mostrada nesta reportagem, no que se refere à *Comunidade de Saint Jean*, como privada de contatos, até mesmo com os seus pais e demais familiares. Logo, as freiras viviam ensimesmadas. Trata-se de uma comunidade religiosa católica afastada, erma, a mais de 400 quilômetros de Paris, onde por mais de 30 anos, as capelas, sacristias, escritórios e dormitórios dessa comunidade eram o cenário de uma rotina secreta de tortura e abusos sexuais cometidos pelos sujeitos padres *Dominique* e *Thomas*.

Para que se possa observar melhor o funcionamento da memória discursiva, das formações discursivas, da ideologia e das formações imaginárias presentes nesta matéria jornalística, faz-se necessário, aqui, analisar as transcrições dos relatos das (ex) freiras *Marie-Laure Janssens* e *Michelle Presneu*, que, embora pertencessem a comunidades diferentes, elas foram abusadas sexualmente pelo mesmo sujeito padre *Marie-Dominique Philippe*.

Assim, seguem as transcrições dos dois relatos dessas (ex) freiras e suas respectivas imagens, que foram extraídas do vídeo da reportagem do *Fantástico*. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/02/17/igreja-catolica-enfrenta-nova-crise-com-denuncias-de-casos-de-freiras-abusadas.ghtml> e acessadas em: 27/02/2019.

Relato 1



Quando entrei na igreja, o padre *Philippe* pegou minha mão através da grade e beijou cada dedo. Eu não ousava duvidar daquele que era considerado um santo por toda a minha comunidade. Ele me disse: - “Vou fazer você sentir o amor que Jesus tem por você”. Ele começou a pegar a minha mão e colocá-la sobre sua roupa. Ele vinha tarde da noite me visitar e terminava na minha boca para evitar uma gravidez indesejada.

(*Michelle Presneu*).

Relato 2



Ele dizia que duas pessoas que são consagradas a Deus podem fazer o que quiserem. Muitos irmãos, inclusive, o próprio padre *Philippe*, utilizaram esse discurso para justificar gestos que chegavam a uma relação sexual.

(*Marie-Laure Janssens*).

No *relato 1*, pode-se perceber que, interpelada pela ideologia, a ex-freira *Michelle Presneu* descreve o seu momento de inscrição à formação discursiva católica de freira, tocada pela ideologia do catolicismo. Pêcheux (2014) afirma que é através da identificação do sujeito com a FD que o domina que a interpelação (assujeitamento) se dá e transforma-o em sujeito de seu discurso. Assim, o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala, pois quem, de fato, fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia.

Nesse ponto, ao relatar que, ao entrar na igreja, o padre *Philippe* pegou sua mão através da grade e beijou cada dedo, *Michelle Presneu* mostra como o discurso religioso funciona a partir da posição-sujeito de freira, inscrevendo-a numa formação discursiva, que, de acordo com Pêcheux (2014, p. 147) [...] “pelo estado da luta de classes, determina o que pode e o que deve ser dito, articulado sob a forma de uma alocação, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc”.

No relato em pauta da freira, o padre fez uma exposição de boas-vindas a ela, mas não o fez por meio de uma missa ou de alguma exposição na ministração de um evento religioso e sim, beijando-lhe cada um dos seus dedos. Aqui, observa-se que a formação discursiva de padre e de freira se mostra marcada pela assimetria de dois lugares, ou seja, pela desigualdade de papéis, pois, o lugar social no qual o padre enuncia provoca o silenciamento na posição-sujeito de freira, que diante da recepção de tantos beijos em seus dedos, realizados pelo padre *Philippe*, a leva a assumir um lugar de passividade, de silenciamento, ao dizer: “- *Eu não ousava duvidar daquele que era considerado um santo por toda a minha comunidade*”.

Do exposto, percebe-se nesse relato que as formações imaginárias que circulam no meio católico, no acionamento da memória discursiva, marcam o lugar social de padre como um “*santo*”, em sua posição-sujeito de sacerdote. Pêcheux (1969) afirma que pelas formações imaginárias são designados os lugares que o sujeito e seu interlocutor atribuem a si e ao outro. Assim, a posição-sujeito de freira, mostrada nessa reportagem, é posicionada como aquela que deve acreditar que o padre fala a partir de um lugar social que o projeta como “*santo*”. Desse modo, os termos linguísticos “*ousava duvidar*” funcionam como pressupostos, que apontam para a exterioridade, para o já-dito noutro lugar, para o acionamento da memória discursiva (interdiscurso), conforme aponta Pêcheux (1969), ao dizer que alguma coisa fala antes, noutro lugar, independente e diferentemente.

A alteridade, constitutiva de todo o dizer, marca o lugar social religioso da freira *Michelle Presneu* como “*não ousar questionar*” a posição-sujeito ocupada pelo padre *Philippe*.

Brandão (2004) afirma que o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si e essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, que se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Ou seja, as relações de sentido, de força e antecipação. Isto é, as formações imaginárias. É desse modo que, no *relato 1*, pelo acionamento da memória discursiva, vê-se nas formações imaginárias que circulam nessa comunidade católica, a posição-sujeito de padre, como aquele que é um “*santo*”, portador das verdades divinas, conforme defende Orlandi (1987, 2006), em seus estudos acerca do funcionamento do discurso religioso em posições-sujeito.

Há um saber discursivo que circula e faz com que a comunidade, citada pela freira *Michelle*, projete o lugar social daqueles que falam em nome de Deus. É acerca dessa representatividade divina pelos homens, que ao estudar o discurso religioso, Orlandi (2006) afirma que ele apresenta uma especificidade discursiva aos que o praticam. Para Orlandi (2006, p. 243), identificam-se como “aqueles em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador” [...]. Nesse ponto, aquele em que o homem faz falar a voz de Deus, pois de acordo com a autora, do ponto de vista da AD, Deus ocupa o espaço da onipotência do silêncio e o homem precisa desse espaço para colocar sua fala específica.

Pelo acionamento da memória discursiva, o padre *Philippe* faz circular saberes acerca do amor de Jesus, pois segundo a ex-freira *Michelle Presneu*, o sacerdote lhe disse: - “*Vou fazer você sentir o amor que Jesus tem por você*”. Há saberes e sentidos que circulam na comunidade religiosa católica de que *Jesus e Maria* são os maiores exemplos de amor para serem seguidos. Logo, ao fazer referência ao amor de Jesus, o padre se inscreve numa memória para enunciar. Aqui, vê-se que ele promove o encontro de uma memória atual e de uma rede de memórias, pois se o amor de Cristo é tido como puramente espiritual entre a comunidade dos católicos, o “*amor*” revelado pelo padre à freira, paulatinamente, em forma de abuso sexual, traz o diferente. Deste modo, o “*santo*” padre enuncia entre dois planos, o espiritual ao citar Jesus e o material ao beijar os dedos da freira, podendo sugerir o início de um assédio sexual, que foi evidenciado futuramente.

Nesse foco, o padre *Philippe* provoca um deslizamento de sentido entre os tipos de amor presentes na Bíblia, livro referenciado pela comunidade católica. A Bíblia mostra haver três tipos de amor entre as pessoas: *Ágape* (o amor divino, amor em estado puro), *Filos* (amor de amizade) e *Eros* (amor carnal, que envolve o desejo sexual). Ao dizer que iria fazer a freira *Michelle* sentir o amor que Jesus tem por ela e, posteriormente, proceder aos abusos sexuais contra ela, o padre *Philippe* favorece, pelo acionamento da memória discursiva católica, um

deslizamento de sentido do amor *Ágape* para o amor *Eros*, pois o interdiscurso a respeito de Jesus o mostra como aquele que sente um amor puro pelas pessoas e não, um amor com cunho sexual, erótico, com beijos nos dedos ou toques sensuais pelo corpo e relações sexuais.

É a ideologia católica presente no discurso da freira *Michelle*, que naturaliza a compreensão de quem é Jesus e de que ele não manifestava desejos sexuais pelos sujeitos a sua volta, provocando o efeito de sentido de estranheza e ojeriza sobre a postura do sujeito padre *Philippe*, pois,

[...] é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queira dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2014, p. 146).

Desse modo, é nessa relação de forças entre a posição-sujeito de padre e o lugar social que a freira enuncia que as relações imaginárias do sujeito com as suas condições reais de existência naturalizam o que é ser um padre e o que é ser uma freira para uma dada comunidade católica. Assim, o efeito de sentido de estranheza da postura do padre se dá, porque enquanto, tocada pela ideologia católica, a freira demonstra buscar no padre a completude espiritual em seu lugar social de freira, o padre *Philippe* demonstra buscar a completude no plano material, carnal, do corpo da freira na consumação de atos sexuais abusivos.

Do exposto, algo mais chama a atenção no depoimento da freira *Michelle*, ao enunciar: - “*Ele vinha tarde da noite me visitar e terminava na minha boca para evitar uma gravidez indesejada*”. Analisa-se, aqui, que os termos linguísticos “*visitar*” e “*terminava*” provocam um deslizamento de sentidos, favorecendo a relação sempre constitutiva entre paráfrase e polissemia, pois ambos provocam os efeitos de sentido de suavizar e amenizar o trauma inscrito nas condições de produção do discurso dessa ex-freira no momento no qual essas palavras significaram os atos sexuais reais. Assim, o termo “*visitar*” com efeito de sentido de gradação, que caminha para “*terminava na minha boca*” aponta para uma relação sexual oral, com ejaculação na boca da freira. Aqui, a memória discursiva, novamente é acionada, ao *Michelle* enunciar que o Padre *Philippe* “*terminava*” em sua boca para evitar uma gravidez indesejada.

Dito de outro modo, a memória discursiva faz ressoar ecos de saberes discursivos presentes na historicidade constitutiva, que aponta para a compreensão de que “*evitar uma gravidez indesejada*” pode marcar o lugar de silenciamento assumido no posicionamento da freira *Michelle*, pois esse ato de ejaculação bucal, de fato, evitaria que a comunidade

descobrisse, por meio da gravidez, que o padre não era adepto do celibato clerical. Pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa, isso aponta para a compreensão de que o padre *Philippe* demonstra estar desidentificado desse principal dogma que marca a posição-sujeito de padre católico

No *relato 2*, é interessante observar entre o que há de comum e de diferente na posição-sujeito de padre e de freira, como sentidos são autorizados e desautorizados. Se ambos enunciam a partir de um lugar social religioso, a força de cada um desses lugares sociais de enunciação não possui o mesmo poder. Brandão (2004) e Indursky (2007) afirmam que o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si e essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, que se remete a mecanismos de funcionamento da linguagem.

Assim, nessas relações de forças e de sentidos, o padre Philippe pelo mecanismo de antecipação do lugar social da freira em detrimento ao dele, posiciona-se como enunciador de um lugar social religioso autorizado por Deus, conforme se pode observar nas palavras proferidas pela ex-freira *Marie-Laure Janssens*, ao enunciar: “- *Ele dizia que duas pessoas que são consagradas a Deus podem fazer o que quiserem*”.

Do exposto, nas palavras de *Marie-Laure Janssens*, pelo funcionamento da memória discursiva católica, percebe-se que o padre *Philippe* migra saberes provenientes da formação discursiva de padre católico e de formações discursivas antagônicas a essa, pois o ato de se consagrar a Deus, de fato, é um saber religioso autorizado a estar presente na formação discursiva do sacerdócio católico, contudo o saber que aponta para a compreensão de que padres e freiras podem fazer o que quiserem, não pertence a essa formação discursiva religiosa.

Desse modo, tanto padres, quanto freiras não podem fazer o que quiserem, mas devem obediência a Deus, aos cânones da igreja e aos seus superiores, havendo sentidos não autorizados a circularem nessa formação discursiva, por exemplo, os padres e as freiras não são autorizados pela igreja a manterem relações sexuais, devem manter-se castos, mas no depoimento de *Marie-Laure Janssens*, vê-se que ela afirma que muitos irmãos, incluindo o padre *Philippe*, produziam esse discurso para justificar gestos que chegavam a uma relação sexual (ato não adequado à posição-sujeito de padre e de freira), como mecanismo de resistência ao celibato clerical.

A reportagem do *Fantástico* marca bem o lugar social religioso de assujeitamento, descrédito e de passividade da ex-freira *Marie-Laure*, pois diz que ela viveu 11 anos de medo no convento e que, quando começou a questionar o comportamento dos religiosos, disseram que ela estava possuída pelo diabo e que ela precisava de exorcismo.

Nessa diretriz, observa-se que o lugar social de freira, mostrado nessa reportagem, em detrimento ao lugar social de padre, favorece a circulação de elementos que não são adequados à formação discursiva de padre e de freira (violência sexual com ejaculação bucal, por exemplo). E também questionar posturas pertencentes à posição-sujeito de padre, é mostrado na reportagem como sendo coisas do diabo, dignas de um exorcismo, conforme se pode ver na reportagem sobre a ex-freira *Marie-Laure Janssens*.

A matéria do *Fantástico* traz a informação de que *Michelle Presneu* e *Marie-Laure* ficaram deprimidas e saíram da igreja. Pelo olhar da Análise do Discurso de linha francesa, pode-se perceber que essa desidentificação da posição-sujeito de freira para a inscrição no lugar social de não-freira funciona como um mecanismo de resistência à posição de violação vivenciada por elas, pois de acordo com Pêcheux (2014), o sujeito pode resistir a saberes pertencentes à formação discursiva na qual está inscrito e se desidentificar dessa posição-sujeito, inscrevendo-se noutra.

Por fim, a reportagem diz que, somente depois da morte desses padres citados, as centenas de freiras se sentiram seguras para denunciar os abusos e que a Igreja Católica Apostólica Romana também só agiu, depois da morte desses dois padres. E a reportagem ainda diz que em 2009, sob o comando do papa *Bento XVI*, a igreja afastou quatro religiosos da comunidade, por participação ou conivência nos abusos sexuais e morais, mas não se tem notícia de que a igreja tenha feito denúncias criminais contra os padres abusadores na França.

### **Considerações finais**

O presente artigo mostrou como funciona o discurso religioso produzido a partir da posição-sujeito de padre e de freira numa matéria jornalística exibida pelo *Fantástico* em 17 de fevereiro de 2019, intitulada: *Igreja Católica enfrenta nova crise com denúncias de casos de freiras abusadas*. De acordo com Orlandi (1987, 2005, 2006, 2007, 2011, 2017), é pelo gesto do analista que são feitas as análises, pois diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar, a buscar o sentido das palavras e das coisas. É nesse viés que a AD é uma disciplina da interpretação. Dito isso, promoveu-se, aqui, um gesto de interpretação acerca do lugar sócio-histórico religioso, que uma freira e um padre ocupam numa determinada sociedade para enunciar.

Desse modo, o artigo apresentado trouxe discursos religiosos historicamente marcados, materializados em uma unidade discursiva que possibilita, por meio do acionamento da

memória discursiva, o já-dito ser inscrito em um novo acontecimento, promovendo descrições e reflexões. A partir do procedimento investigativo respaldado pela AD, analisou-se a força que possui um lugar social posicionado num tempo e espaço socialmente situados, na imbricação entre o linguístico e o social.

Nesse viés, mostrou-se a presença de uma rede de memórias funcionando, transpassada pelo viés ideológico nas formações imaginárias presentes nessa matéria jornalística da *TV Globo* acerca do lugar social no qual os sujeitos religiosos padre e freira projetam a alteridade, o outro que é constitutivo de todo o dizer. Assim, pode-se perceber que o lugar social ocupado pelo padre *Philippe*, apresentado no depoimento da ex-freira *Michelle Presneu*, funciona como “*santo*”.

Assim, este trabalho investigativo analisou que, embora o lugar social desses padres apresentados nessa reportagem seja constituído pelo abuso sexual às duas freiras expostas na matéria jornalística, o imaginário social desse lugar pela comunidade católica citada é quem faz este lugar social funcionar. É quem faz com que saberes que questionem esse sentido de “*santo*”, dessa posição-sujeito, sejam vistos como pertencentes à formação discursiva de endemoninhados, dignos de um exorcismo, como foi projetado o lugar social da freira *Michelle Presneu*, ao questionar na época esses abusos sexuais, produzindo efeitos de sentido negativos do lugar social religioso de freira. Dito de outro modo, como disse o papa *Francisco*, trata-se de um “*abuso de poder*”, advindo dessa posição-sujeito de padre mostrado na reportagem, nesse artigo em pauta.

Do exposto, o lugar social ocupado pelo sujeito religioso padre favoreceu um deslocamento de sentido, pois houve o silenciamento de saberes contrários a sua posição-sujeito de padre abusador, conforme se pode observar, quando o padre *Dominique Philippe* disse à freira *Michelle Presneu* que a faria sentir o amor que Jesus tem por ela, contudo esse padre a violentou sexualmente, deslocando-se o amor *Àgape* para o amor *Eros*. Noutro momento, no depoimento da ex-freira *Marie-Laure Janssens*, o padre *Dominique Philippe* disse que “duas pessoas que são consagradas a Deus poderiam fazer o que quiserem”, deslocando sentidos para se chegar a uma relação sexual, produzindo efeitos de sentido contrários aos sentidos que são autorizados pela ideologia católica a circularem numa formação discursiva de padre e de freira.



## Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença – Martins Fontes. 1980.

BRANDÃO, Helena H. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2004

GREGOLIN, M. R. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? *In*: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (Orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Claraluz, 2003.

\_\_\_\_\_. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso** – diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2006.

GRIGOLETTO, M. Sujeito, subjetivação, inconsciente e ideologia. *In*: GRIGOLETTO, M; CARMAGNANI, A. M. (Orgs.). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade**. São Paulo: Humanitas, 2013.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. *In*: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 75-88.

\_\_\_\_\_. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Discurso, espaço, memória: caminhos da identidade no Sul de Minas**. Campinas : Editora RG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. Campinas – SP, Pontes editores, 2017.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. (1969). *In*: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1978]. p. 269-281.

\_\_\_\_\_; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas- SP: Unicamp, 1993. p. 82

\_\_\_\_\_.Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

SILVA, D. S. Ratos governadores? Memória discursiva, posições-sujeito e ideologia na produção de sentidos numa charge política. Pouso Alegre: **Revista Dissol**, da UNIVÁS, ano IV, nº 7, jan-jun/2018 – ISSN 2359-2192.

**Igreja católica enfrenta crise com denúncias de casos de freiras abusadas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/02/17/igreja-catolica-enfrenta-nova-crise-com-denuncias-de-casos-de-freiras-abusadas.ghtml> Acessado em: 27/02/2019.

**Abusos, anorexia, suicídios: a ordem religiosa em que freiras eram escravas sexuais na França**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47152183> Acessado em: 23/02/2019.

**Justiça chilena tem 148 casos de abuso sexual na Igreja abertos**. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/01/08/interna\\_mundo,729714/justica-chilena-tem-148-casos-de-abuso-sexual-na-igreja-abertos.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/01/08/interna_mundo,729714/justica-chilena-tem-148-casos-de-abuso-sexual-na-igreja-abertos.shtml) Acessado em: 25 de fevereiro de 2019.

**Igreja destruiu dossiês sobre abusos sexuais**. Disponível em: <https://www.jn.pt/mundo/interior/igreja-destruiu-dossies-sobre-abusos-sexuais-10611229.html> Acessado em 26/02/2019.